

Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: das competições literárias ao anátema histórico-ensaístico

Sérgio Buarque de Holanda and Gilberto Freyre: from literary competitions to the historical-essayistic anathema

Dalton Sanches ^a

E-mail: daltonsanches@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8436-575X> 

^a Universidade Federal de Ouro Preto,
Instituto de Ciências Humanas e Sociais,
Programa de Pós-graduação em História,
Mariana, MG, Brasil

RESUMO

Propomos que a segunda edição de *Raízes do Brasil* (1936), publicada em 1948, representa o epítome da guinada negativa de Sérgio Buarque de Holanda quanto ao seu companheiro de geração Gilberto Freyre. As modificações incisivas nessa edição do clássico livro não podem ser, em parte, compreendidas sem que se leve em conta o *constrangimento da influência* exercida por *Casa-grande & Senzala* (1933), bem como os mecanismos de consagração apropriados por Holanda no âmbito das instituições, a partir de finais da década de 1940. Para tanto, além das duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* e do clássico de Freyre, lançaremos mão de alguns escritos anteriores e posteriores a esse marco, 1948, a fim de apresentar a historicidade dessa interlocução, que vai da *competição* literária à *disputa* pela interpretação do Brasil; perpassa por questões epistemológicas, dentre essas a forma ensaio; e toca as desavenças constituintes das batalhas simbólicas no campo intelectual, a partir das quais anatematiza-se o nome do pernambucano do ensaio revisado.

PALAVRAS-CHAVE

Sérgio Buarque de Holanda. Gilberto Freyre. História Intelectual.

ABSTRACT

We propose that the second edition of *Raízes do Brasil* (1936), published in 1948, represents the epitome of Sérgio Buarque de Holanda's negative turn towards his generation partner Gilberto Freyre. The incisive changes made in this particular edition of the classic book cannot be understood without considering the *constraint of the influence* exerted by *Casa-grande & Senzala* (1933) and the mechanisms of consecration appropriated by Holanda in the institutional space, from the end of the 1940s onwards. Therefore, in addition to the first two editions of *Raízes do Brasil* and the classic work by Freyre, we will use some writings from before and after this milestone, 1948, in order to present the historicity of this interlocution, ranging from literary *competition* to the *dispute* for interpretation of Brazil through epistemological questions in essay form; we will touch on the disagreements that are part of the symbolic battles in the intellectual field, from which Freyre's name is anathematized.

KEYWORDS

Sérgio Buarque de Holanda. Gilberto Freyre. Intellectual History.

Independente das nossas inclinações e juízos, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre apresentam-se como verdadeiras antonomásias da cultura intelectual brasileira. Sendo assim, não poderia não haver já significativos trabalhos que abordem e reconstruam as suas trajetórias, visando pontos de encontro e de bifurcações movidos por divergências políticas, ideológicas e epistemológicas, mas, ainda, por construções mútuas de memórias, jogos de representações e disputas institucionais, que perpassam pelo problema geopolítico, especificamente, pelo deslocamento do eixo intelectual do Nordeste para o Sudeste do país (Cf. ROCHA 2004; BASTOS 2005; ROCHA 2012; MONTEIRO 2015; FELDMAN 2015; e VENANCIO; WEGNER 2018). Seguindo essa seara, apresentaremos um pequeno índice do modo como Sérgio Buarque, a certa altura de sua trajetória, entre Rio e São Paulo, e entre *Raízes do Brasil* (1936) e *Raízes do Brasil* (1948), nutre-se de certas prerrogativas institucionais para travar a sua batalha simbólica com o seu principal combatente de geração. Para além das motivações pessoais, sugeriremos, neste recorte, que o paulista toma o pernambucano, inicialmente, como um firme apoio e inspiração intelectual não assumido, para dele, paulatinamente, distanciar-se como uma espécie de *mediador* que se converte num *perene e estratégico par antitético*, cujas diatribes e mesmo menções diretas podem ser, ainda, vislumbradas em entrevistas concedidas pelo velho Holanda em finais da década de 1970 e início da próxima (cf. HOLANDA 1976; e HOLANDA 2004 [1981]).

A interlocução entre os autores se dá, num primeiro momento, indiretamente, nas páginas impressas dos jornais, ainda nos anos de vanguardismos. Emergirá daí, quiçá, a primeira competição literária entre os dois intelectuais. Num segundo momento, o contato entre Sérgio Buarque e Gilberto Freyre se efetiva em forma de encontros, quando, mediados pela amizade em comum de Manuel Bandeira, também recifense e “ponte” que ligava os projetos vanguardistas do Nordeste e do Sudeste (cf. DIMAS 2002), estreitam-se os laços entre ele, Holanda e Prudente de Moraes, neto. De tal convívio, além das boemias pelas madrugadas do Rio, criam-se ocasiões para o acirramento das competições entre os futuros autores de *Casa-grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*. Segundo testemunho do escritor de Apipucos, já em 1982, Bandeira era “um como que nosso tio intelectual” (FREYRE 1987 [1982], p. 117), que, certa feita, teve a ideia, em Santa Tereza, de “provocar uma competição entre nós dois, Prudente também presente, para saber quem, se Sergio, se eu, mais conhecia literatura em língua inglesa. Cada um que fizesse uma pergunta ao outro. Isto? Aquilo? Manuel Bandeira, juiz” (FREYRE 1987 [1982], p. 117).

Adentrando as décadas de 1930 e 1940, podemos dizer que, da *competição* estimulada nesses primeiros anos de formação, vai-se gradativamente configurando

uma ríspida *disputa*, acentuadamente forjada pelas mãos do paulista a fins de se desvencilhar do *constrangimento da influência*, até então pujante, exercida pelo já consagrado companheiro de geração. Digno de nota nesse sentido é o fato de o debate que se funda entre os dois, em finais da década de 1940 e 1950 adentro, ser “quase sempre nominado em Sérgio Buarque de Holanda, porém quase nunca em Gilberto Freyre” (BASTOS 2005, p. 22). Desse modo, entendemos que as atitudes são distintas e com historicidades próprias, tendo em vista o pressuposto de que a primeira, isto é, a competição, denota algo de razoavelmente consciente e relativamente acordado entre as partes, ao passo que a segunda, a disputa, revela certa ruptura, em que interesses e ações racionais com fins se dão de modo antagônico, a depender das situações e estratégias em jogo.¹ Ou seja, o que se presencia na relação entre Sérgio Buarque e Freyre é menos, nesses momentos entre as décadas de 1920 e 1930, uma disputa ou rivalidade do que uma jovial competição em torno da cultura e, mais especificamente, da literatura universal. É, mais uma vez, o velho Freyre quem nos fornece o seu depoimento acerca do “segundo round” da aferrada competição. Dessa vez, as ambições em jogo seriam consideravelmente maiores e, de fato, as tacadas certeiras e definitivas iriam dividir águas em relação às interpretações em voga dos “passados sociais do Brasil”, como quer o pernambucano:

Até que nos defrontaríamos, taco a taco, noutra competição: quem, dos dois, mais sociólogo da História na interpretação de passados sociais do Brasil. Se eu emergia com *Casa-Grande e Senzala*, Sergio não tardaria a aparecer, de início, com *Raízes do Brasil*; depois, com outros ensaios magnificamente perceptivos, eruditos, *scholarly* (FREYRE 1987 [1982], p. 117).

Ainda em 1935, para se ter ideia, o pernambucano perfura as barreiras de consagração fundadas no Sudeste e, com o êxito estrondoso de *Casa-grande & Senzala*, consolida sua proposta sócio-antropológica, que “o leva a concretizar sua escolha como um dos principais artífices das primeiras cátedras de Sociologia, Antropologia Social e Cultural e Pesquisa Social da nova Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro” (SORÁ 1998, p. 5). Tal prestígio o conduz, nesse mesmo ano, a um cargo significativamente relevante no campo editorial da época: a direção da *Coleção Documentos Brasileiros*, empreendimento ambicioso da recém-fundada e bem-sucedida Livraria José Olympio Editora.

¹ Para a diferença etimológica constituinte entre as duas acepções, cf. verbetes: “Competição”; “Disputa”, em ORIGEM DA PALAVRA 2018.

Nessa casa, o nordestino idealizou “um projeto editorial que marcou época” (SORÁ 1998, p. 5): a publicação de *Raízes do Brasil*, prefaciado pelo próprio Freyre e carro-chefe da aclamada coleção.²

Ainda nas aproximações entre os dois intelectuais, são dignas de destaque as convergências, referenciadas pelos “conjuntos de questões e de temas obrigatórios que definem o campo cultural de uma época” (BOURDIEU 1968, p. 142), condensadas na historicidade que perpassa substancialmente as duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* – 1936 e 1948 –, considerando que as permutas nessa efetuadas representarão o ponto alto da rivalidade encampada mais energicamente pelo paulista, a partir da qual o pernambucano se tornará, a depender do ponto estratégico do texto remodelado, um anátema a ser expurgado. Entre os decisivos anos de 1946 e 1948, o autor de *Caminhos e Fronteiras* deixa o Rio de Janeiro e transfere-se para São Paulo a fim de assumir a direção do Museu Paulista. Cerca de um ano depois, revisa sistematicamente o seu primeiro livro, dando-lhe contornos mais profissionalizantes e adensando-o documentalmente, além dos outros aspectos que ainda desdobraremos. No ano de 1948, concomitante à direção do museu, publica a segunda edição do ensaio, ao passo que leciona História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política (Cf. HOLANDA 2006, p. 434-439).³

Das competições

Principiemos pelo que, porventura, será o primeiro contato entre os dois autores, ainda por meio de potenciais textos iniciais de suas trajetórias, que, não fosse por um impasse sobre o qual discorreremos, cruzar-se-iam na imprensa daqueles tempos de modernismos. Rumores sobre Gilberto Freyre foram suscitados por uma carta que chegara às mãos de Sérgio Buarque por meio de Câmara Cascudo, na qual constava um artigo redigido pelo primeiro. Eis, nele, talvez, o objeto provocador do primordial *agon* (NIETZSCHE 1996) entre o paulista e o pernambucano: nada menos do que James Joyce e o seu monumental *Ulisses*. O ano era 1924. Enquanto o jovem Holanda envolvia-se na edição da revista *Estética*, junto a seu dileto companheiro Prudente de Moraes, neto, o também jovem Freyre era já um assíduo frequentador das páginas do *Diário de Pernambuco*. Se, no Nordeste, o segundo já havia escrito o seu texto, no Sudeste, o primeiro prometia, nas contribuições “a sair nos próximos

² Para o estudo exaustivo da Coleção, cf. FRANZINI 2006.

³ Para um estudo da atuação do intelectual no âmbito das instituições entre os anos 1930 e 1960, cf. NICODEMO 2012.

números” (HOLANDA 1979a [1952], p. 276), as suas linhas sobre a obra do irlandês. O livro era, até então, de difícil acesso, e fora graças a Paulo Prado, em viagem à Europa, que o cobiçado petardo lhe caíra em mãos. Em seu afã de vanguarda na produção de uma reflexão exclusiva da obra em território nacional, dera logo cabo de consumir obsessivamente as 756 páginas da “grossa brochura azul, com títulos em letras brancas”, como escreverá em “Depois da ‘Semana’”, artigo de 1952, publicado no *Diário Carioca* por ocasião dos 30 anos do “movimento modernista” e republicado, em 1979, no livro *Tentativas de Mitologia* (cf. HOLANDA 1979a [1952], p. 277). Porém, logo se veria frustrado em sua corrida pela exclusividade, pois o seu, ao menos por um período, futuro amigo de muitas competições já o havia antecipado. Como recorda o próprio Sérgio Buarque, tinha “a nítida lembrança da passagem onde há referência a críticos que, ‘à sombra das bananeiras cariocas’ já se metem a anunciar artigos sobre o difícil Joyce” (HOLANDA 1979a [1952], p. 277). Ao fim e ao cabo, o que viria a se consubstanciar no próximo número de *Estética*, ainda com a proposta do paulista de publicar os escritos do pernambucano, acaba não acontecendo, pois a emblemática revista findara logo nesse terceiro número.

Recuperado parte desse remoto e indireto encontro, o que não poderemos nos furtar em destacar toca o fundamental detalhe que diz respeito ao fato de todo esse episódio vir a ser narrado justo por Holanda, já na década de 1950. Como se sabe, *Tentativas de Mitologia*, com exceção da “Apresentação” que o conduz – poderoso paratexto responsável por orientar o/a leitor/leitora no sentido da coerência narrativa e, no limite, autobiográfica de toda a trajetória do autor –, condensa uma antologia de textos de crítica historiográfica e literária publicados esparsamente na imprensa das décadas de 1940 e 1950.⁴ Em “Depois da ‘Semana’”, Sérgio Buarque busca empreender um processo de (auto)historização do modernismo em sua data epifenomenal. Por meio desse expediente de aplainamento de memórias, portanto, uma vez que a única fonte testemunhal de tal acontecimento, do modo como foi refigurado, provém de sua autorrepresentação, tem-se um processo de retrospectão que resulta no passar em balanço o modernismo consagrado, legando, assim, “os fundamentos pelos quais gostaria de ser descrito e avaliado ulteriormente” (MORESCHI 2010, p. 111).

Uma revelação deveras curiosa, que nos faz pensar se o historiador a admitiria na época a que pertence o evento narrado, diz respeito à modesta afirmação segundo a qual, caso escrevesse o prometido artigo, de longe não seria melhor do que aquele

⁴ Pouco frequentado pela fortuna crítica, este livro será objeto privilegiado da pormenorizada análise de CARVALHO 2017.

que recebera no envelope entregue por Cascudo. Aventamos que tal postura – além daquele desprendimento com o qual sugere ter proposto a publicação do artigo do pernambucano – só se viabiliza se se leva em consideração a inscrição desses relatos de intento biográfico nos estratos e nas fusões temporais condensados na antologia de finais da década de 1970. Ora, ainda ali, dois anos após a “Semana”, tratava-se meramente de uma competição literária, e não de uma rivalidade acentuadamente política, tal qual se dará, mais intensamente, a partir da década de 1960; ou tampouco epistemológica, a partir da década de 1940, momento de afirmação e de constituição dos campos de saber em processo de profissionalização. Em outras palavras, o alvo a ser construído e mirado no campo das batalhas simbólicas, doravante, perpassava menos pelo Freyre dos anos 1920 – esse, a bem da verdade, figurava como artefato engrandecedor do processo de autoconstrução – do que pelo disputado cientista social, cuja crítica, já em 1937, referia-lhe e a seu projeto antonomasicamente como “escola sociológica de Gilberto Freyre” (SORÁ 1998, p. 18, nota 13). Vejamos a passagem:

Embora a alusão zombeteira [“críticos que ‘à sombra das bananeiras cariocas’ já se metem a anunciar artigos sobre o difícilimo Joyce”] tivesse meu endereço, o trabalho deixou-me boa impressão. Era melhor do que tudo que eu fosse capaz então de escrever sobre o assunto, por isso aceitei meio esportivamente a direta. E como o terceiro número de *Estética* já andasse no prelo, resolvi que reproduziríamos, em resenha, no quarto, que afinal não chega a sair (HOLANDA 1979a [1952], p. 277).

Um detalhe que enriquece a reconstituição de tal remoto encontro pelas páginas da imprensa diz respeito à figura de Graça Aranha, “pontífice” do modernismo, tal como o classificou ironicamente Holanda em outro escrito (cf. HOLANDA 2011b [1952], p. 173), que sugere um sutil golpe cordial dado no jovem editor de *Estética*, pois, ao ler as elogiadas linhas escritas pelo jovem Freyre, aconselha o paulista a não as publicar. Estaria o sugerido veto implicado no fato de o pernambucano, além dos mencionados críticos sob as bananeiras, alfinetar impiedosamente o autor de *Canaã*? Eis o trecho:

[...] em Joyce é preciso não esquecer a influencia da educação jesuítica. Da vida em collegio de padres rhythmada pelos exercícios espirituaes e pela psalmodia grave. Educação que o ia predispondo para o mais intenso mysticismo – o de padre S. J. – quando o crucifixo lhe cahiu das mãos gothicas e adolescentes; e partiu-se. Educação que o acabou predispondo

para o esthetismo – o pan-esthetismo, diria, si o sr. Graça Aranha não houvesse barateado a expressão – em que hoje se aguça a attitude de Joyce perante a vida (FREYRE 1924, p. 1).⁵

Fato curioso é que, a despeito de Sérgio Buarque se recordar, ainda que parcialmente, da frase que considera a ele endereçada – e que, a bem da verdade, é um pouco mais elíptica do que aquela da sua memória: “Mas o livro vae vencendo: e até sob as bananeiras do Rio já se vae pronunciando o inglez facil do nome de Joyce. O inglez das suas obras, é que será o difficil de soletrar” (FREYRE 1924, p. 1) –, não traz, em seu relato, a demolidora menção a Aranha. Apesar disso, reproduz o severo conselho do companheiro mais velho: “Este Freyre é nosso inimigo. Estive sabendo que foi pessoa do Oliveira Lima na briga com Nabuco. Não *nos* convém publicar” (HOLANDA 1979a [1952], p. 277). Primeiramente, atente-se para o grifo do próprio articulista na majestática forma oblíqua do pronome pessoal, sugerindo a “atitude absorvente” (HOLANDA 1979a [1952], p. 277) e de “apostolado” (HOLANDA, 2011a [1952], p. 176) adotada por Graça Aranha, e sempre ressaltada nesses artigos da década de 1950 pelos quais o historiador pretendia reavaliar, passar a limpo e desmistificar as leituras que se faziam dos eventos, das memórias e das propostas constituintes dos primeiros momentos do modernismo triunfante como algo unitário e coeso em sua dinâmica interna (cf. HOLANDA 1979a [1952], p. 277).

“Sem querer, misturei Sérgio com Gilberto Freyre”

1926: em visita à capital, centro irradiador do capitalismo periférico, da efervescência cultural e das novidades tecnológicas da vida moderna, mas também dos “bairros africanos”, como eram chamados, desde finais do século XIX, os conglomerados nos quais iam habitar os ex-escravos e trabalhadores pobres sem-terra, mais tarde chamados de favela, Gilberto Freyre cria oportunidades e situações que o levam às boemias intelectuais e musicais em companhia dos jovens Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda. Juntos, além das noitadas nos bares do Rio, sobem o morro em busca do que mestres como Donga, Pixinguinha e os seus *Oito Batutas* iam produzindo de mais genuinamente brasileiro no choro e no samba. Atenhamo-nos ao depoimento do próprio pernambucano, 56 anos depois, por ocasião da morte de Buarque de Holanda, a quem se refere como “mestre de mestres”:

⁵ As citações feitas neste trabalho seguem *ipsis literis* as fontes consultadas, sem que houvesse qualquer atualização ortográfica ou gramatical para os textos mais antigos.

Boêmios pelo gosto da música popular brasileira. Da afro-brasileira. Da carioca. Daí, mais de uma vez amanhecemos, bebendo chope, em bares tradicionalmente cariocas, ouvindo os para nós brasileiríssimos e como que nossos mestres, além de amigos, de cultura brasileira, Donga, Patrício e Pixinguinha. Fontes, para nós três, de uma cultura autenticamente popular e extraeuropéia, nas suas bases, que estava, em grande parte, na música de que eles eram mestres. Nenhum de nós três, musicólogos. Mas dos três, o que, nessas noites inesquecíveis, sentava-se a pianos boêmios e tocava músicas saudosas, que ele sabia de cor, era Sergio: o depois mestre de mestres de Ciências Sociais. Nessa época, modernistas, os três, a nosso modo. Mas também saudosistas. *Afinidades desse modernismo – o de Estética – com o “regionalismo” irradiado do Recife* (FREYRE 1987 [1982], p. 117, grifo nosso).⁶

Da mística que permeia esses encontros quase que como um *topos* da imaginação dessa banda do modernismo brasileiro (MONTEIRO 2015, p. 55), podem-se inferir formas e estratégias de narrar que refundem memórias, (auto)historiando seus percursos na medida em que fazem desaparecer os andaimes que sustentavam tais construções tensamente entrelaçadas e mutuamente constitutivas. Afinal, como vimos, não nos pareceu haver, assim, tão completas “afinidades desse modernismo – o de *Estética* – com o ‘regionalismo’ irradiado do Recife”. Se existem pontos de interseção nas jornadas intelectivas dos dois grandes escritores e cientistas sociais do século XX, correndo às vezes sub-repticiamente para o mesmo norte, numa espécie de vertiginosa viagem em barco de proa dupla,⁷ o certo é que o que prevalece são biografias que correm paralelas, quando não nos aparecem drástica e dramaticamente divergentes. Nesse sentido, a julgar pelo emblemático testemunho de Raymundo Faoro, já na entrada deste milênio, sobre seus encontros com Sérgio Buarque entre fins da década de 1960 e início da seguinte, o tom afetuoso que o pernambucano confere ao “mestre de mestres” se desestabiliza sobremaneira. Ao discorrer sobre as ocasiões em que se reuniam, no Rio, amigos como Francisco de Assis Barbosa, Afonso Arinos, Pedro Nava, Prudente de Moraes, neto, e o próprio Sérgio Buarque, em restaurantes badalados ou em casa de algum dos anfitriões da hora, dirá de uma

intimação [de Prudente de Moraes] para escrever alguma coisa sobre [o senador] Pinheiro Machado [...], por ocasião de seu centenário. Não deixa de ser estranha a fascinação de Prudentinho, Arinos e Nava – e de

⁶ Para a reconstituição desse célebre encontro entre Freyre e Sérgio Buarque com *Os Oito Batutas*, cf. VIANNA 1995.

⁷ Tomamos de empréstimo, aqui, a sugestiva imagem do texto de DIMAS 2002.

Gilberto Freyre – por Pinheiro Machado, que, se vivesse, os teria como seus adversários. Gilberto Freyre [...] era o mais interessado admirador póstumo de Pinheiro Machado. [...] Sem querer, misturei Sérgio com Gilberto Freyre, nome proibido para Sérgio, como Sérgio com o de Gilberto Freyre. Nunca a discrição de um e outro me permitiu saber a causa do distanciamento de ambos, realmente muito estranha, tendo em conta que Gilberto Freyre escreveu o prefácio da primeira edição de *Raízes do Brasil* (FAORO 2002, p. 6).

Da competição (no “taco a taco”) à disputa

Daqueles emblemáticos encontros na boemia carioca, até finais da década de 1930, Freyre publicara o seu seminal ensaio e, já bem assentado na rede de sociabilidade composta por grandes nomes da intelectualidade brasileira (cf. FRANZINI 2006, p. 89-99), é solicitado a escrever, três anos depois, a apresentação de *Raízes do Brasil*. Mede-se, ainda, o prestígio do pernambucano a partir de transbordantes elogios vindos, por exemplo, de figuras como Erico Verissimo, significativamente três anos antes de vir a lume a segunda edição de *Raízes do Brasil*, enquanto, a essa altura, *Casa-grande & Senzala* já alcançara a edição de número quatro. Em capítulo de título “Uma literatura chega à maioridade”, Verissimo insere os dois ensaios. Contudo, é notável a assimetria das linhas e tonalidades:

Os problemas sociais do Nordeste foram atacados com muita habilidade por Gilberto Freyre, que é talvez o mais destacado dos sociólogos vivos do Brasil. Ele escreve informalmente, de modo muito colorido, e deve-se dizer que despojou a sociologia de sua camisa engomada e de seu sobretudo – para fazê-la usar roupas leves e esportivas. Lê-se seus livros com verdadeiro gosto, como se fossem romances altamente divertidos (VERISSIMO 1995 [1945], p. 120, 121).

Ao paulista, o escritor dispensa apenas uma cinzenta e ríspida pincelada: “Sérgio Buarque de Hollanda é autor de um ensaio bem escrito, *Raízes do Brasil*” (VERISSIMO 1995 [1945], p. 121). Certamente, tais mecanismos de legitimação e prestígio aqueciam sobremaneira, e em variegados níveis, as disputas entre os dois intelectuais ao longo de quase todo o século XX, como nos sugeriu Faoro. Antes, retornemos ao convite feito a Freyre para, em 1936, escrever a apresentação da *Coleção Documentos Brasileiros*, estampada nas primeiras páginas de *Raízes do Brasil*. O livro estreado de Holanda é nada menos do que a primeira publicação a inaugurar tal imponente empreendimento de

José Olympio. Além de redigir a apresentação, Gilberto Freyre é convocado a assumir a direção da coleção de estudos interpretativos do Brasil. Daí se pode inferir a posição de relevância firmada pelo pernambucano dentro da divisão do trabalho intelectual daquele período. Para além da concepção idealista da autoridade do editor simplesmente como “homem de bom gosto” a farejar os projetos de potencial sucesso, as condicionantes que determinam o ingresso de uma obra numa casa editorial de renome, na maioria das vezes, relacionam-se ao fato de os manuscritos já trazerem “a marca do intermediário (ele próprio já situado no campo intelectual como diretor de coleção, leitor, ‘autor da casa’, crítico conhecido por seus julgamentos seguros ou audaciosos, etc.) através do qual chegam até o editor” (BOURDIEU 1968, p. 121). Mais, os manuscritos “são o resultado de uma espécie de seleção prévia que os próprios autores fizeram com referência à ideia que fazem do editor, da tendência literária que representa [...] e que pôde orientar seu projeto criador” (BOURDIEU 1968, p. 121).

Bem, mediante a catacrese orgânica do título, pretendia-se submeter em “introspecção social” (FREYRE 1936, p. V) o passado, ou melhor, os passados do país em suas mais profundamente cravadas raízes, sejam elas boas ou da má-formação, como sempre ambíguo e ironicamente vazado o livro parece sugerir. Após apresentar os objetivos e as iniciativas editoriais que a série iria abrigar, o ensaísta recifense, já no terceiro parágrafo, evoca o paulista mediante tom elogioso, no qual pontua a data quase precisa em que, de acordo com suas recordações, Buarque de Holanda “apareceu” na cena intelectual, exatamente quando do episódio do recebimento, por esse, do envelope em que continha o misterioso artigo sobre *Ulisses*. Vamos ao trecho:

Os organizadores desta collecção foram ainda felizes podendo fazer do trabalho de Sergio Buarque de Hollanda o seu volume nº 1. O escritor paulista é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer. Quando apareceu, ha dez ou doze annos, ao lado de Prudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) – talvez a vocação mais pura de critico que já surgiu entre nós – foi logo revelando qualidades e o gosto, que agora se affirmam victoriosamente (FREYRE 1936, p. V, grifo nosso).

Não deixa de ser curiosa a menção indireta ao empreendimento da revista *Estética*, uma vez que foi no ano de 1924 que, ao lado de Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque funda o periódico que viria a preencher a lacuna deixada por *Klaxon*. Não menos curiosa é a sentença que, a nosso entender, soa como uma matreira provocação por meio da qual o tom elogioso dispensado ao crítico, que, “sob as bananeiras do

Rio”, metera-se outrora a enfronhar-se em Joyce, vê-se parcialmente embotado pelo destaque – entre sugestivos travessões – dado ao seu amigo: possuidor da vocação mais pura de crítico já surgida “entre nós”. O pronome na primeira pessoa do plural não deixa de ser revelador da notória inserção de Gilberto Freyre no meio intelectual do Sudeste; diferentemente da demarcação espacial bem definida no artigo de 1924, no qual, de Pernambuco, Freyre falava obliquamente de um determinado grupo num determinado espaço-tempo: do Rio, “já se vae pronunciando o inglez facil do nome de Joyce” (FREYRE 1924). Tal índice aponta, também, para o fato de a calorosa competição continuar a reverberar na recepção do estreante pelo “autor da casa”. Num âmbito mais particular, porém, tem-se que, longe de azedar, as amizades familiares entre o paulista e o pernambucano pareciam seguir sólidas década de 1930 adentro. Dedicatórias destinadas ao primeiro e à sua esposa podem ser atestadas nas folhas de rosto das primeiras edições de *Casa-grande & Senzala* e *Nordeste*, de posse do intelectual e atualmente abrigadas pela *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda*, na Biblioteca Central Cesar Lattes, da Universidade Estadual de Campinas (cf. FREYRE 1933; e FREYRE 1937). Em *Nordeste*, por exemplo, se lê: “*Para Sergio e Maria Amelia, com toda a amizade. Gilberto Freyre, Rio, 1937*” (FREYRE 1937).

Plásticas convergências

Adentremos mais detidamente as edições a fim de verificarmos em que medida, no livro de 1936, dá-se esse movimento de aproximações e leituras relativamente convergentes acerca de aspectos da formação social brasileira, para, no de 1948 – momento, vale destacar, em que Sérgio Buarque já goza mais acentuadamente de prestígio e posição expressiva dentro da divisão do trabalho intelectual –, ver-se irromper a cisão que passa a pautar as disputas que, por décadas a fio, serão orientadas pelas questões ético-políticas e epistemológicas. Pois bem, principiemos com trecho do eloquente e controverso parágrafo de abertura da edição primeira de *Raízes do Brasil*:

Todo estudo compreensivo da sociedade brasileira há de destacar o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o unico esforço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical. Sobre territorio que, povoado com a mesma densidade da Belgica, chegaria comportar um numero de habitantes igual ao da população actual do globo, vivemos uma experiencia sem símile (HOLLANDA 1936, p. 3).

Por suas breves e peremptórias linhas, convidamos a/o leitora/leitor a ouvir o núcleo de seus enunciados como eco do parágrafo, também de abertura, do clássico de Gilberto Freyre:

Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contatos dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão (FREYRE 1980 [1933], p. 43).

Em ambos, observam-se pontos de partida acentuadamente convergentes no que diz respeito ao sucesso da empreitada colonizadora em terras tropicais, com diferença, no caso de Freyre, da transbordante e explícita tonalidade marcadamente positiva em relação à “aptidão” – expressão empregada duas vezes – dos portugueses para a exploração da parte sul do continente americano. Em Holanda, o acento caracteristicamente elíptico e contido da sentença não nos entrega de imediato uma interpretação cujo protagonismo exclusivo de Portugal se faça patente. Daí afirmarmos o caráter controverso do parágrafo do livro de 1936, que suscitou, aliás, poucas, mas substantivas, considerações por parte de alguns dos críticos contemporâneos (cf. ROCHA 2012; FELDMAN 2013).

A propósito dos estilos e das formas, já se disse do pernambucano que sua escrita se despoja no à vontade da rede, da prosa de sesta ou de quem se espreguiça (NETO 1994 [1975], p. 387), plasmando um “grande livro que fala dessa nossa leseira, brasileira” (BANDEIRA 2003 [1965], p. 12). Quanto ao paulista, escrita geralmente fluida a dar conta de temporalidades movediças, configurando-se, outrossim, como a de um ensaísta, conquanto o seu esforço de, a partir de finais da década de 1940, mais acentuadamente declarar, contra o ensaísmo vigente, o requerido rigor do método a orientar, doravante, os trabalhos de cunho monográfico (cf. HOLANDA, 2010 [1951], p. 73 e 77).

Nesse ângulo, participa, ainda, a contração dessa memória laudatória por parte de terceiros acerca da forma de exposição com a qual o autor vazava as realidades históricas. Em representativo artigo de Maria Odila da Silva Dias, de 1988, sugestivamente denominado “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, lê-se, por exemplo, que “a perspectiva do historiador situado no tempo obriga-o a captar a alteridade do

pensamento dos homens do passado e a procurar palavras adequadas a transmitir matizes da mudança do linguajar através do tempo” (DIAS 1988, p. 74). A julgar por tais linhas, nada de tão distinto da prática de escrita freyriana, na medida em que, uma e outra, partem em algum nível da condição de subsunção do ensaísta no ensaiado, isto é, do autor no seu objeto. A relação empática com a matéria estudada requer do ensaísta que reflita “sobre si mesmo, [a fim de] encontrar-se e construir algo próprio com o que lhe é próprio” (LUKÁCS 2008, p. 11).

Para Gilberto Freyre, tal fator é pré-condição para o seu acesso ao passado colonial desde a casa-grande, uma vez que a investida na dinâmica da vida social da família patriarcal se revestia de traços biográficos relativos à sua origem nesse meio sociocultural (cf. NICOLAZZI 2008, p. 262, 263). Porém, se voltarmos ao texto de Silva Dias, teremos que, imediatamente após o trecho já citado, a discípula de primeira hora do autor de *Visão do Paraíso* estabelece um corte em relação ao gesto e à dicção freyrianos, posto que pouco provável é que o pernambucano concordaria com alguns dos semas e sintagmas concatenados no enunciado que exprime as condições para a feitura de uma história “rigorosa” e “verdadeira”. Antes, contudo, que exponhamos a passagem, chamemos a atenção do/da leitor/leitora para um flagrante detalhe: a historiadora se apropria da versão preliminar datilografada de famoso texto publicado no *Estado de São Paulo*, em 1973, “Sobre uma doença infantil na historiografia” (cf. DIAS 1988, p. 78, nota 9). Em tal momento, repita-se, Holanda ainda empreendia, nos estágios finais de reforço da sua memória intelectual, investidas – ainda que na ordem dos discursos – contra a forma ensaio, o que convergia para a compleição da memória disciplinar do campo historiográfico consolidado na Universidade de São Paulo. Eis o trecho: “A história digna de tal nome... a história *rigorosa*, verdadeira justamente porque quer exprimir a verdade, requer *acurado* trabalho de redação e elaboração, que, *difícilmente admite a linguagem desleixada*” (DIAS 1988, p. 74, 75, grifos nossos).

A partir desse expediente, previsto, também, em outro famoso texto (cf. DIAS 1985, p. 19), Maria Odila, ao usar o termo *obra* de modo metonímico, acaba por embaralhar as historicidades inerentes a cada período de produção do autor, aplainando, com efeito, as modulações da sua escrita ao longo de sua trajetória, bem como os próprios discursos de segunda ordem realizados por ele acerca desse âmbito e os problemas de linguagem a ele vinculados. Assim, não é improvável que, entre outros problemas aqui alinhavados, muitos fragmentos tenham sido descartados da segunda edição de *Raízes do Brasil* por se assemelharem expressamente à ensaística freyriana, que sofrerá, em período próximo ao das emendas efetuadas no

ensaio de 1948, acusações de impressionismo (cf. HOLANDA 1979b [1951], p. 100). A propósito, o que dizer de um sintomático parágrafo suprimido da referida edição, no qual, valendo-se o autor, no livro de 1936, da loquaz poeticidade característica da prosa do escritor recifense, reforça seus elogios à sinuosidade – ou melhor, ao “desleixo” (HOLLANDA 1936, p. 62) – das cidades construídas pelos portugueses aquém-mar? A partir de temática que envolve jardins e flores, citando diretamente Freyre e extraindo trecho *ipsis literis* de seu escrito – porém, desleixadamente sem a remissão por meio de nota –, Buarque de Holanda realça, em dicção sinestésica, a plasticidade da cultura brasileira herdada dos portugueses, anunciando, como num prelúdio, as notas daquele célebre contraponto entre as atitudes arquitetônicas e urbanísticas de Espanha e Portugal, que ganhará plena forma somente na publicação de 1948, com o capítulo “O semeador e o ladrilhador”. Vejamos, enfim, a passagem:

As casas eram semeadas com *desalinho* em volta de uma igreja toda branca e situada quasi sempre no lugar mais elevado; com um desalinho que faz pensar um pouco nesses jardins de Portugal evocados por Gilberto Freyre, cheios de uma poesia meio selvagem e onde aparecem, aqui e alli, flores de nomes “que pedem poemas. Flor de noiva, Três Marias, Cinco Chagas, Brinco de Princeza, Flor de Viuva, Suspiros, Saudades, Resedá, Palmas de Santa Rita” (HOLLANDA 1936, p. 62-63, grifo nosso).

Em realidade, a citação é retirada de crônica publicada pelo pernambucano no *Diário de Pernambuco*, em 3 de maio de 1925 (cf. FREYRE 1925, p. 3). Contudo, é bem provável que o paulista tivesse em mãos a coletânea chamada *Artigos de Jornal*, de 1935, na qual consta o escrito, denominado “Acerca de jardins” (cf. FREYRE 1935). Por ora, o que nos interessará é a convergência manifesta dos planos da formação social postos em curso pelos dois ensaístas na década de 1930. Havia, ainda aqui, ao menos nos pontos de partida interpretativos de ambos os autores, a defesa da herança ibérica, em cujo bojo se abrigava o personalismo e, conseqüentemente, o espírito aventureiro contra a impessoalidade característica das formas estranhas e exóticas ao “temperamento nacional” (HOLLANDA 1936, p. 154). Formas essas que, importadas de outras configurações socioculturais e mal assentadas como regras fixas e pré-moldadas, estimulavam, com efeito, a renitente sensação de desterro a atravancar um verdadeiro devir histórico que valorizasse, tal como a formação das cidades de aquém e além-mar, os contornos plásticos e desalinhados dessas paragens, a moldar uma civilização que se desenvolvesse os seguindo em seu próprio desenho natural e irreduzível. Sugestivas nesse sentido são as linhas do mesmo artigo de Gilberto Freyre, localizadas em parágrafo um pouco acima daquelas apropriadas por Sérgio Buarque

de Holanda, em que se pode ler, de modo surpreendente, as antagônicas técnicas e os estilos de jardinagem como uma metonímia da contraposição ora sugerida e, não menos, da lógica do semeador e do ladrilhador:

A tradição portuguesa é sem dúvida a que devia estar sendo aqui desenvolvida, com um maior e mais forte relevo dos efeitos de espontaneidade, e sobretudo, procurando-se nos jardins o máximo de sombra. Mas com a mania das avenidas à francesa e à americana, veio também a mania destes canteiros symetricos, geometricos, rigidamente alinhados. Canteiros de cimento imitando troncos de arvores para dar uma nota de rustico (FREYRE 1925, p. 3).

Colemos, agora, as linhas iniciais que precedem o passo que contém a citação a Freyre no parágrafo expurgado da edição de 1948:

Assim, a cidade que os portugueses construíram na America não é producto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a linha da paizagem. Nenhum rigor, nenhum methodo, sempre esse abandono caracteristico, que se exprime bem na palavra "desleixo" – a palavra que o escriptor Aubrey Bele considerou tão typicamente portuguesa como "saudade" e que, na sua opinião, não exprime tanto falta de energia, como a convicção de que "não vale a pena..." (HOLLANDA 1936, p. 62).

Ainda que em determinados aspectos interpretativos Sérgio Buarque coloque um sinal de negativo onde Freyre colocaria um de positivo, nada mais exemplar, no excerto, da presença pujante do segundo na arqueologia da obra do primeiro, em sintonia com essa patente indefinição, no limite, esse déficit de formalização da vida social brasileira. Bem, queria o paulista, na década posterior, em decorrência de passagens como essas, livrar-se do constrangimento da influência manifesta exercida pelo pernambucano?

Das competições ao anatemático

Ainda acerca das constitutivas confluências, destaquemos, primeiramente, o que se funda em parágrafo de *Casa-grande & Senzala* relativo à alegada rápida acomodação dos adventícios nas Américas portuguesa e espanhola, uma vez que, de acordo com suas leituras, quase milenarmente foram impelidos à contemporização efetivada com povos e culturas distintas, tanto endógena, como no caso da expansão islâmica no

sétimo século depois de Cristo, quanto externamente à península, com as explorações em Índia e África. Vejamos trecho do livro de 1936:

Qual a base em que assentam as formas culturaes dessa *região indecisa entre Europa e Africa*, que vae dos Pyrneus até Gibraltar? Como explicar essas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estricta objectividade? Precisamente a comparação entre ellas e as da Europa de alem-Pyrineus, [...] faz resaltar uma característica [...] que ella está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desenvolveu a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais (HOLLANDA 1936, p. 4, 5).

Façamos, agora, a comparação com outra passagem, também das páginas de abertura do livro de 1933:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de *povo indefinido entre a Europa e a África*. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura [...]. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África (FREYRE 1980 [1933], p. 43, 44).

Mesmo se não tivéssemos grifado parte dos enunciados de ambos os extratos, certamente, saltaria aos olhos da/o leitora/leitor a consonância significativa entre a imagem de uma zona indecisa, indefinida e fluida entre os grandes continentes, Europa e África, a distinguir alguns dos traços particulares dos povos ibéricos. Traços esses que, tendo como corolário, por sua vez, a plasticidade, são constitutivos de uma sociedade presidida pelas relações de tipo afetivo, personalista e passional; em suma, permeadas mais por performances em que predominam a corporeidade dos concidadãos na esfera pública do que pela ritualidade acentuada pelo distanciamento exigido pelo mundo burocrático da letra da lei e das relações horizontais. Apesar das semelhanças ressaltadas, percebem-se, também, em muitos pontos de tensão da primeira edição do livro do paulista, diferenças constitutivas no quesito linguagem acerca das perspectivas sobre o passado colonial brasileiro. Enquanto em Sérgio Buarque o tom

é relativamente comedido e hesitante em algumas proposições e predicados, impondo, aliás, à sua abordagem o caráter provisório em virtude da ausência de uma “estrita objetividade” (HOLLANDA 1936, p. 4) – condição característica do gênero ensaio, diga-se de passagem⁸ –, em Gilberto Freyre a linguagem é conduzida por tonalidades fortes e sinestésicas, em que cores, cheiros, sentidos corporais etc. atraem a/o leitora/leitor para essa trama de uma região demiúrgica com predisposições à colonização diferenciada, devido ao seu passado secular de convivência e de equilíbrio vocacional de antagonismos, que, tempos depois, serão transplantadas de modo bem-sucedido para a exploração e fixação no Novo Mundo.⁹ Talvez fosse esse, também, um dos fatores que impeliram o historiador paulista a escapar, de finais da década de 1940 em diante, das redes interpretativas que o arrastavam para a alçada freyriana, a qual bem se adequou, como “lusotropicalismo”, a estágios ulteriores do regime salazarista (cf. VECCHI 2014, p. 28).

Avancemos quatro anos após a publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil* e fixemos trechos de resenha na qual o paulista efetua observações acerca de um livro do pernambucano, *Um engenheiro francês no Brasil*. O material constitui-se como “um vasto inquérito que empreende Gilberto Freyre acerca da influência francesa em nosso desenvolvimento cultural e social” (HOLLANDA 2011d [1940], p. 192). Acerca da matéria enredada, que tem como ponto de apoio e partida a estada do francês Vauthier na Pernambuco de meados do século XIX, dirá Sérgio Buarque:

Longe de constituir simples glosa às observações do engenheiro Vauthier durante os seus seis anos de residência em Pernambuco, onde chegou a chefe de repartição de obras públicas, esse ensaio logo se emancipa de seu motivo inicial para ganhar vida própria. A oportunidade não poderia ser mais feliz para que o autor nos mostrasse, ainda uma vez, seu saber e sua competência já largamente comprovados em assuntos dessa natureza (HOLLANDA 2011d [1940], p. 192, 193).

Os elogios, consoantes a gestos semelhantes em *Raízes do Brasil* – 1936, dispensam, por ora, considerações para nos atermos a passo adiante, no qual parece corroborar, ainda, embora mais implicitamente nessa ocasião, a tese freyriana da típica adaptação e acomodação dos adventícios portugueses em terras americanas. Contudo, na medida em que, em algum nível, atribui aos franceses análogo tipo de expediente acomodatório

⁸ Cf. MONTAIGNE 1972; LUKÁCS 2008; ADORNO 2003; KAUFFMANN 1989; STAROBINSKI 1985; MACÉ 2006; e COSTA LIMA 2005.

⁹ Para a noção de *hybris* em Gilberto Freyre, cf. ARAÚJO 2005, p. 99 e *passim*.

realizado pelos vizinhos do lado ocidental dos Pirineus, acaba por se implicar em certa incoerência comparativa caso se retome passagem do seu livro de estreia, acima reproduzida, em que atesta tal manifesta e singular característica dos povos ibéricos. Vejamos:

O livro começa por um estudo em torno dos primeiros contatos dos franceses, mercadores e navegantes quinhentistas, com a terra do Brasil, quando lhes caberia, ao lado dos portugueses, reduzir nossa natureza ainda bravia a uma natureza cristã e doméstica. Creio que se pode, sem exagero, atribuir aos franceses, em seu afã colonizador, muitas das qualidades de adaptação e acomodação que Gilberto Freyre costuma, *com bons motivos*, considerar típicas dos portugueses. É sabido que quando não conseguiam elevar o nível da cultura dos indígenas, “*franciser les sauvages*”, como se dizia ao tempo de Luiz XIV, muitos não hesitavam em descer ao nível deles (HOLANDA 2011d [1940], p. 194, grifo nosso).

Quanto às linhas finais da curta resenha, Sérgio Buarque não deixa de reiterar suas radiantes exaltações – de ordem formal e epistemológica – ao ensaísta recifense, expurgadas asperamente da reedição de *Raízes do Brasil*, oito anos depois:

Sente-se mesmo um desapego mal dissimulado ante certos quadros tradicionais que entravam a ação da técnica europeia, desapego quase surpreendente em quem escreveu *Uma cultura ameaçada* e tantas outras páginas de envolvente ternura pelas coisas de nosso passado português colonial. É que em Gilberto Freyre a visão do historiador e do sociólogo pode ser nítida sem precisar ser friamente científica. Assim, as qualidades excepcionais do escritor, longe de distrair, antes reforçam no pesquisador uma inteligência, não direi serena, mas bem equilibrada e, naturalmente, generosa (HOLANDA 2011d [1940], p. 196, 197).

Vale frisar que, se contrastado ao sólido prestígio simbólico e institucional que Gilberto Freyre detinha nesses anos iniciais da década de 1940, “o crítico literário, historiador e funcionário público (recém-mudado do Instituto Nacional do Livro para a Biblioteca Nacional) Sérgio Buarque de Holanda ainda não dispensava apresentações” (FRANZINI; LOURENÇO 2017, p. 05), a despeito de ter já publicado *Raízes do Brasil*, que passara praticamente por três décadas de lentas e graduais estratégias de reconhecimento e consagração (cf. FRANZINI 2006; e FELDMAN 2013). É a partir da sua segunda edição, pois, que se vislumbra mais intensamente a tentativa de Holanda de se afirmar como historiador *stricto sensu*, dotado dos requisitos e das propriedades

de posições necessárias no campo intelectual, e, sobretudo, como proponente de uma matriz interpretativa respaldada pelo crivo universitário e de outras tantas instituições, uma vez que o próprio contribuía para a consolidação de um dos projetos vencedores da ideia de universidade no Brasil, ao mesmo tempo em que sua formação era por ele plasmada.

Pois bem, qual o expediente adotado por Sérgio Buarque de Holanda no tocante a Gilberto Freyre entre as, segundo nossos cálculos, mais de 700 emendas efetuadas em *Raízes do Brasil* – 1948? O mais gritante, decerto, diz respeito ao ocultamento, em alguns trechos, e expurgo por completo do nome do recifense e da sua obra das páginas do referido livro. Em alguns casos, exclui-se o nome, porém mantém-se o teor do argumento, numa atitude que, para jogarmos com o autor e com o seu próprio *phármakon*, pode ser caracterizada como genuinamente cordial. Vale recordar que somente àquela altura, 12 anos após a publicação da primeira edição, é que o livro se vê agraciado com a sua segunda edição, ao passo que *Casa-grande & Senzala* já ultrapassara a marca de cinco edições até 1946, além das vertidas para línguas estrangeiras (cf. FRANZINI 2006, p. 157, nota 43; e SORÁ 1998, p. 18, notas 16, 17, 18 e 19). Prosseguindo o cotejamento, vejamos emblemático trecho da edição de 1936:

Nosso catholicismo tão característico, que permite tratar aos santos com uma intimidade quasi desrespeitosa, e que deve parecer tão escandaloso ás almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. Gilberto Freyre, que tão bem se occupou dessa liturgia “antes social que religiosa”, em *uma obra que representa o estudo mais serio e mais completo sobre a formação social do Brasil*, fala-nos dos anjos e santos, que só falta tornarem-se carne e descerem dos altares, nos dias de festa, para se divertirem com o povo; nos bois entrando pelas igrejas para serem benzidos pelos padres; nas mães ninando os filhos com as mesmas cantigas de louvar o menino Deus, etc. A popularidade, entre nós, de uma Santa Thereza de Lisieux – Santa Therezinha – resulta muito do character intimista que pode adquirir seu culto, um culto amavel, quasi fraterno, que se accomoda mal ás cerimoniaes e que repelle as distancias (HOLLANDA 1936, p. 105, grifo nosso).

Fixemos, agora, a passagem da segunda edição, a partir da qual o/a leitor/leitora notará, de imediato, que o que restou de Freyre foram apenas alguns longínquos e abafados ecos. Além de supressão de todo o trecho um tanto humorado, extraído quase que *ipsis literis* do livro de 1933: “Os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando

pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus [...]” (FREYRE 1980 [1933], p. 59), e que dá lugar a um enunciado de tom mais grave e enxuto, desaparecem, também, de modo virulento, o nome do recifense e o tributo ao seu estudo. *O anátema, pois, são menos suas ideias do que propriamente o autor:*

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa, e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provem ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Tereza de Lisieux – Santa Terezinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias (HOLLANDA 1948, p. 219-220).

Acerca da já considerada permeabilidade e capacidade contemporizadora do português em face de outras culturas, especificamente em relação à África, simplesmente elimina-se, a partir dessa edição, todo o trecho, abaixo reproduzido, de nota de rodapé em que continha o nome do autor, citação direta com registro bibliográfico do seu livro, bem como o argumento a partir do qual estabelece alguns matizes e algumas ressalvas à sua tese. Da nota, permanece, nas edições subsequentes, apenas referência à obra *Rassekunde Europas*, publicada em 1926, pelo “Dr. Hans Günther” (HOLLANDA 1936, p. 28, nota 6), antropólogo e eugenista considerado mentor das políticas raciais nazistas (cf. WAIZBORT 2011, p. 60, nota 27) e um dos intelectuais que, ao longo dos anos da República de Weimar, eram identificados à “revolução conservadora” (MATA 2016, p. 5). O autor alemão, no caso, vem ao auxílio do brasileiro na medida em que atesta a distinção “racial” dos portugueses em relação aos “seus próprios vizinhos e irmãos, os hespanhoes, por ostentarem um contingente maior de sangue negro” (HOLLANDA 1936, p. 27, 28). Daí a “ausencia completa, ou praticamente completa, entre elles, de qualquer orgulho de raça”, o que constitui uma das faces bem típicas de sua “extraordinaria plasticidade social” (HOLLANDA 1936, p. 27). Leiamos, enfim, o excerto relativo a Gilberto Freyre que se inscrevia na nota a fins de referendar esse seu argumento elaborado no capítulo “Trabalho e Aventura”:

O Snr. Gilberto Freyre, contrariando uma afirmativa de Waldo Frank, declara, ao comparar o português e o hespanhol, que o primeiro é dos dois, talvez, “o menos gothico e o mais semita, o menos europeu e o mais africano: em todo caso o menos definidamente uma coisa e outra. O mais vago e impreciso”. V. Gilberto Freyre – *Casa Grande e Senzala*, Maia & Schmidt,

1934, pg. 7. Si é possível, todavia, falar-se em “gothico” a proposito do castelhano, será mais difficil fazel-o, com a mesma justiça, a proposito do andaluz, do gallego e do proprio catalão (HOLLANDA 1936, p. 28, nota 6).

Outra sutil emenda efetuada por Sérgio Buarque, no livro de 1948, diz respeito a argumento corroborado, também, por nota de rodapé relativa a artigo do *Livro do Nordeste*, publicado pelo pernambucano em 1925. Como nos excertos anteriores, o enunciado permanece relativamente intacto. No entanto, nesse caso, em lugar da mera alusão ao autor, mediante locução elogiosa “conhecedor fidedigno”, tem-se o seu próprio nome acompanhado do distintivo tratamento “Snr.”. A nota que remete a esse trabalho de Gilberto Freyre confirma considerações sobre o domínio do *pater familia* e a sua influência solar na verdadeira autarquia que era o engenho. Porém, um detalhe que chama atenção, nesse passo do capítulo denominado “Passado Agrário”, na primeira edição, e “Herança Rural”, na segunda, refere-se, a nosso ver, ao uso de mesmo enunciado a servir a chaves interpretativas distintas e, possivelmente, bifurcadas acerca de valorações – orientadas pelos respectivos momentos de publicação das edições – concernentes a certos aspectos da formação social. Ora o escritor-sociólogo se vê mobilizado indiretamente como fonte legítima a informar a opulência aristocrática dos bens mobiliários produzidos no âmbito do próprio engenho, ora parece ser insinuamente evocado, no texto principal, apenas como uma metonímia, por assim dizer, representativa de todo o aristocratismo sustentado pela estrutura autossuficiente da monocultura do açúcar. No seu conjunto, portanto, sugerimos que, a partir de *Raízes do Brasil* – 1948, o argumento convém ao intuito de referendar a sua clivagem manifestamente progressista, a partir da qual opera suas críticas mais duras à sociedade patriarcal:

O engenho, sob o seu commando, era um organismo completo e que repousava sobre si mesmo. Tinha força armada para defendel-o em casos de emergencia. Tinha capella, onde se rezavam as missas nos domingos. Tinha escola de primeiras letras, onde o padre-mestre desemperrava e instruia os meninos. A alimentação diaria dos moradores e aquella com que se recebiam os visitantes frequentemente agasalhados, procediam das plantações, das creações, da caça ou da pesca, proporcionadas no proprio lugar. Tambem no lugar montavam-se as serrarias de onde saham promptos o mobiliario e apetrechos do engenho, alem da madeira para as casas; a obra dessas serrarias chamou a atenção e *causou a admiração* do viajante Tollenare, pela sua “execução perfeita”. Hoje mesmo, em certos lugares do Nordeste, *onde foi mais adeantada a cultura rural*, apontam-se – segundo um conhecedor fidedigno – “as commodas,

bancos, armarios, que são obra de engenho, revelando-o no não sei que de rustico de sua consistencia e no seu ar distintamente heraldico” (HOLLANDA 1936, p. 85-86, grifos nossos).

Vejamos, agora, o trecho na edição de 1948, com o qual o rival paulista, abruptamente, vira a chave no modo irônico, usando Freyre contra Freyre:

O engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo. Tinha capela onde se rezavam as missas. Tinha escola de primeiras letras, onde o padre mestre desasnava meninos. A alimentação diária dos moradores, e aquela com que se recebiam os hóspedes, frequentemente agasalhados, procedia das plantações, das criações, da caça, da pesca proporcionadas no próprio lugar. Também no lugar montavam-se as serrarias, de onde saíam acabados o mobiliário, os apetrechos do engenho, além da madeira para as casas: a obra dessas serrarias chamou a atenção do viajante Tollenare, pela sua “execução perfeita”. Hoje mesmo, em certas regiões, particularmente no Nordeste, apontam-se, segundo o Snr. Gilberto Freyre, as “cômodas, bancos, armários, que são obra de engenho, revelando-o no não sei que de rústico de sua consistência e no seu ar distintamente heráldico” (HOLLANDA 1948, p. 102-103).

Embora a atenuação não seja tão patente quanto às inúmeras que se podem verificar em outras passagens do ensaio de 1948, ainda assim não deixa de ser surpreendente, doravante, que a obra daquelas serrarias não cause mais admiração em Tollenare, assim como o fato de o Nordeste perder o seu estatuto de cultura rural afirmativamente mais adiantada. Estaria o passo extraído da edição de 1936 em unidade orgânica com muitas das peças que compõem o ensaio, e que convergem para a peremptória afirmação segundo a qual “entre nós, já o dissemos, o personalismo é uma noção positiva – talvez a unica verdadeiramente positiva que conhecemos”, e que “ao seu lado todos os lemmas da democracia liberal são conceitos puramente decorativos, sem raízes profundas na realidade” (HOLLANDA 1936, p. 152)?

Considerações finais

Vimos que, mediante uma série de estratégias textuais e discursivas, bem como das compósitas formas de se representar – e ser representado –, Sérgio Buarque de Holanda, *plasticamente*, consagra-se por meio da batalha simbólica com o seu

principal oponente intelectual. Em face das questões estético-políticas do ambiente próprio ao campo cultural da década de 1920, tivemos o ensejo de entrever o modo como o paulista, a partir das competições que pautaram a leitura de *Ulisses*, bem como o seu envolvimento nas principais publicações da época, engendrou estratégias de projeção e aquisição de capital social e cultural nas malhas do modernismo que se tornou hegemônico desde o eixo Rio-São Paulo. O gradual reconhecimento de Holanda, bem como o que se reteve e se projetou em termos de memórias, levou-nos, portanto, ao tempo das questões ético-políticas, já na década de 1930 em diante. Aí, notamos como o futuro autor de *Visão do Paraíso* reencontrou-se com Gilberto Freyre e o seu celebrizado *Casa-grande & Senzala*. De ponto de partida e inspiração intelectual nutrida desde o tempo das competições literárias, o pernambucano se converteu, na filigrana da segunda edição de *Raízes do Brasil*, em par antitético a partir do qual empreenderam-se construções mútuas de memórias, disputas de matrizes interpretativas, de projetos institucionais e, como vimos, de ásperos apagamentos. Expediente tal que não pode ser apartado da atuação do paulista no horizonte de afirmação de um projeto universitário cujo afã da especialização mobilizou, década de 1950 adentro (cf. SANCHES 2019, p. 134-198), seus signos e significantes múltiplos em prol de suas escolas, seus nomes próprios e classificações de toda sorte a delinear as linhas de força a presidir o “novo”,¹⁰ fazendo “*existir uma nova posição para além das posições ocupadas, à frente dessas posições, na vanguarda*” (BOURDIEU 1977, p. 39, grifos do autor).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. *In*: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 15-45.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz**. Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

BANDEIRA, Manuel. Casa-grande & Senzala [1965]. *In*: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal [1933]. São Paulo: Global, 2003. p. 12-13.

¹⁰ Cf., por exemplo, HOLANDA, 2011c [1948].

BASTOS, Elide Rugai. *Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo. Perspectivas*, São Paulo. n. 28, p. 19-36, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. *In: POUILLON, Jean et al. Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.

BOURDIEU, Pierre. La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 13, p. 3-43, 1977.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. **Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

COSTA LIMA, Luiz. **Limites da Voz** (Montaigne, Schlegel, Kafka) 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et al. (org.). Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988. p. 72-79.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. *In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985. p. 7-64. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 51).

DIMAS, Antonio. Barco de proa dupla. **Revista USP**, São Paulo, n. 54, p. 112-126, jun.-ago. 2002.

FAORO, Raymundo. Mestre Sérgio. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2002. Caderno Mais! Disponível em: <https://bityli.com/gS4Si>. Acesso em: 28 dez. 2020.

FELDMAN, Luiz. Organizar a Desordem: *Raízes do Brasil* em 1936. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 4, p. 1131-1168, 2015.

FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 82, p. 119-140, jun. 2013.

FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras: A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FRANZINI, Fábio; LOURENÇO, Elaine. Quando historiadores foram à escola: a *História do Brasil* de Octavio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda (1944) e os ecos da nova historiografia brasileira. **Revista Expedições**, Morrinhos, v. 8, n. 1, jan.-abr. 2017.

FREYRE, Gilberto. Acerca de jardins. **Diário de Pernambuco**, Recife, 3 maio, 1925. Disponível em: <https://bit.ly/3kvCw3T>. Acesso em: 28 dez. 2020.

FREYRE, Gilberto. Apresentação. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. p. V-IX.

FREYRE, Gilberto. **Artigos de Jornal**. Recife: Edições Mozart, 1935.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schimidt Ltda., 1933. Consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

FREYRE, Gilberto. James Joyce: O creador de um rhythm novo para o romance. **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 dez. 1924. Disponível em: <https://bit.ly/37HSzrQ>. Acesso em: 28 dez. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. [Consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas].

FREYRE, Gilberto. Sergio, mestre de mestres. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, p. 117, 1987.

HOLLANDA, Maria Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição comemorativa dos 70 anos. Organização de Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 421-446.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. A democracia é difícil. As observações e as conclusões de um especialista com base no exame da história (entrevista concedida a João Marcos Coelho). **Veja**. São Paulo, p. 3-6, 28 jan. 1976.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda [1981]. SOUZA, Laura de Mello *et al.*. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 69, p. 3-14, jul. 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Depois da "Semana". *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979a. p. 273-279.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Depois da Semana. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Sérgio Buarque de Holanda**: escritos coligidos. Livro II (1950-1979). Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011a. p. 174-177. [Originalmente publicado no **Diário Carioca**, 24 fev. 1952].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno da Semana. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Sérgio Buarque de Holanda**: escritos coligidos. Livro II (1950-1979). Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011b. p. 170-173. [Originalmente publicado no **Diário Carioca**, 17 fev. 1952].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Novos rumos da Sociologia. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Sérgio Buarque de Holanda**: escritos coligidos. Livro I (1920-1949). Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011c. p. 513-517. [Originalmente publicado no **Diário Carioca**, 3 out. 1948].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos. *In*: PEREIRA, Mateus Henrique de F.; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. Odisséias do conceito moderno de história. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 50, mar. 2010 [1951].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O problema das culturas II. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Sérgio Buarque de Holanda**: escritos coligidos. Livro I (1920-1949). Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011d. p. 192-197. [Originalmente publicado no **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1940].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 2. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Sociedade Patriarcal. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979b. p. 99-110. [Originalmente publicado, em três partes, na **Folha da Manhã**, em 10, 13 e 23 nov. 1951].

HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

KAUFFMANN, Robert Lane. The Skewed Path: Essaying as Unmethodical Method. *In*: BUTRYM, Alexander J. (ed.). **Essays On The Essay**: Redefining the Genre. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1989. p. 221-240.

LUKÁCS, Georg. Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper. Tradução de Mario Luiz Frungillo. **Revista UFG**, Goiânia, ano 10, n. 4, 2008.

MACÉ, Marielle. **Le temps de l'essai**. Histoire d'un genre en France au XXe siècle. Tours: Belin, 2006.

MATA, Sérgio da. Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 1-25, jul/dez. 2016.

MONTAIGNE, Michel de. **Montaigne**. Ensaios. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).

MONTEIRO, Pedro Meira. **Signo e desterro**: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil. 1. ed. – São Paulo: Hucitec, 2015.

MORESCHI, Marcelo Seravali. **A façanha auto-históricográfica do modernismo brasileiro** (Brazilian Modernism as an Auto-historiographical Avant-Garde). 2010. Thesis (Doctor of Philosophy in Hispanic Languages and Literatures) – University of California, Santa Barbara, 2010.

NETO, João Cabral de Melo. **Museu de tudo**. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NICODEMO, Thiago. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960. *In*: MARRAS, Stelio (org.). **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Edusp/Instituto de Estudos Brasileiros, 2012. p. 109-132.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre *Casa-grande & Senzala* e a representação do passado. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. A disputa de Homero. *In*: NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 1996. p. 26-32.

ORIGEM DA PALAVRA. **Site de etimologia**. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O exílio do homem cordial; ensaios e revisões**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.

ROCHA, João Cezar de Castro. Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária. **Dicta&Contradicta**, Rio de Janeiro; São Paulo, n. 9, p. 10-28, 2012.

SANCHES, Dalton. **Agonística buarquiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960)**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, 2019.

SORÁ, Gustavo. A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 36, 1998.

STAROBINSKI, Jean. **Pour un temps/Jean Starobinski**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1985.

VECCHI, Roberto. Periphery as a Work Eccentric Modernities and Lusophone-Tropical Rearrangements. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 58, p. 17-34, jun. 2014.

VENANCIO, Giselle; WEGNER, Robert. Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do *Diário de Notícias* (1948-1953). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, p. 729-762, set.-dez. 2018.

VERISSIMO, Erico. Uma literatura chega à maioria [1945]. *In*: VERISSIMO, Erico. **Breve história da literatura brasileira**. Tradução de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995. p. 119-126.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WAIZBORT, Leopoldo. O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 39-62, jul. 2011.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

Dalton Sanches doutorou-se em História, em 2019, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Em 2017, realizou período de estágio sanduíche – bolsista Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior / Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE-CAPES) – no Departamento di Lingue, Letterature e Culture Moderne da Università di Bologna, Itália, sob supervisão de Roberto Vecchi. Atua nas áreas de História Intelectual, Teoria da História e Historiografia, Historiografia Brasileira e História do Brasil Republicano, com ênfase na cultura historiográfica da primeira metade do século XX. É filiado ao Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM-UFOP), à Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH) e à Associação Nacional de História (ANPUH).

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua do Seminário, s/n, Mariana/MG, 35420-000, Brasil.

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pelo Programa de Bolsas da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação da Universidade Federal de Ouro Preto (PROPPi-UFOP) e pelo Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE-CAPES). Processo: 88881.134175/2016-01.

AGRADECIMENTO

Partes fundamentais deste artigo se beneficiaram das generosas e agudas observações de Elodia Lebourg (revisão), Mateus Pereira, Emílio Maciel, Roberto Vecchi, Guilherme Bianchi, Thiago Nicodemo, Henrique Estrada, Marcelo Rangel e Sérgio da Mata. Somos gratos, ainda, aos editores, pareceristas e revisores da revista, pelos incontornáveis apontamentos e sugestões que enriqueceram consideravelmente o texto.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse declarado.

APROVAÇÃO EM COMITÊ DE ÉTICA

Não se aplica.

MODALIDADE DE AVALIAÇÃO

Duplo-cega por pares.

PUBLICAÇÃO PRÉVIA

O artigo é originado de capítulo, substancialmente reescrito e desdobrado, da tese: *Agonística buarquiiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960)*, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, em 2019, sob orientação de Mateus Henrique de F. Pereira e coorientação de Emílio Carlos R. Maciel.

Link: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12562>

EDITORES RESPONSÁVEIS

João Rodolfo Munhoz Ohara - Editor Executivo

DIREITOS AUTORAIS

Copyright (c) 2020 História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography.

LICENÇA

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 International](#).

HISTÓRICO DE AVALIAÇÃO

Recebido em: 29 de outubro de 2020.

Alterado em: 30 de dezembro de 2020.

Aprovado em: 4 de janeiro de 2021.